

## PRÁTICAS MATEMÁTICAS: SABERES DAS GENTES DO MERCADO MUNICIPAL DE BRASÍLIA DE MINAS, NORTE DE MINAS GERAIS

Vanessa de Siqueira Camilo Costa <sup>1</sup>

### RESUMO

Fugindo da concepção da matemática enquanto ciência rígida e um campo de estudo de difícil aprendizado como está propagado e imbricado no imaginário social, cabe ressaltar que existe um número considerável de pessoas que possui conhecimento de práticas matemáticas, mesmo tendo pouca, ou nenhuma, educação escolar formal. Estas pessoas, em seu cotidiano manifestam seus saberes em toda e qualquer forma de classificar, ordenar, organizar ou mensurar qualquer material ou objeto. Neste sentido, a matemática está intrinsecamente ligada à cultura, envolvidas num contexto, demonstrando uma maneira própria de explicar e lidar com as práticas que surgem a partir de necessidades de se reinventar. Este trabalho discorre sobre as práticas matemáticas e os saberes dos(as) feirantes do Mercado Municipal Deocleciano Soares Alves, localizado no centro da cidade de Brasília de Minas, no Norte de Minas Gerais. Estudo que se justifica pela importância em retratar uma parte desmemoriada da cultura dessa gente. Nesse sentido, tem por objetivo encontrar e registrar as práticas matemáticas utilizadas pelos feirantes. É identificada na comercialização de produtos neste ambiente de significativo valor histórico social, unidades de medidas não oficiais, não ensinadas no âmbito escolar, por sua vez, há uma padronização regional, o que representa consideravelmente a cultura dessa gente e o nexo com o contexto regional. Algumas práticas matemáticas já não são mais encontradas na feira livre do mercado, mas ainda estão na memória de feirantes e fregueses e as poucas especificidades que ainda resistem neste espaço podem ser substituídas, definitivamente, pelas balanças, instrumentos e unidades de medidas convencionais.

**Palavras-chave:** Práticas Matemáticas, Etnomatemática, Brasília de Minas, Mercado Municipal, Educação Matemática.

### INTRODUÇÃO

Os grupos sociais são formados com características próprias que se modificam de acordo com as inovações sociais, decorrentes principalmente dos avanços tecnológicos. Buscamos neste estudo retratar um pouco sobre as práticas matemáticas desenvolvidas após o surgimento de algumas modernidades na comercialização de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias – PPGECMaT da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM, [vanessa.camilo@ufvjm.edu.br](mailto:vanessa.camilo@ufvjm.edu.br);

mercadorias hortifrutigranjeiras pelos(as) feirantes do Mercado Municipal Deocleciano Soares Alves, localizado no centro da cidade de Brasília de Minas, no Norte de Minas Gerais. Apesar de serem unidades de medidas não oficiais, não ensinadas no âmbito escolar, essa padronização regional representava consideravelmente a cultura dessa gente.

Registrar as práticas matemáticas dos(as) feirantes do Mercado Municipal de Brasília de Minas se justifica pela importância em retratar uma parte desmemoriada da cultura dessa gente. Algumas práticas matemáticas já não são mais encontradas na feira livre do mercado, e as poucas especificidades que ainda resistem neste espaço podem ser substituídas, definitivamente, pelas balanças, instrumentos e unidades de medidas convencionais.

Somos assim levados a identificar técnicas ou mesmo habilidades e práticas utilizadas por distintos grupos culturais na sua busca de explicar, de conhecer, de entender o mundo que os cerca, a realidade a eles sensível e de manejar essa realidade em seu benefício e no benefício de seu grupo (D'AMBRÓSIO, 1998, p. 6).

Então, temos como objetivo principal, encontrar e registrar as práticas matemáticas utilizadas pelos feirantes no Mercado Municipal Deocleciano Soares Alves. Para alcançarmos este objetivo, se faz necessário: resgatar algumas memórias de antigos fregueses para verificar as práticas que ainda resistem; identificar e registrar as práticas matemáticas utilizadas atualmente pelos feirantes; analisar os relatos dos feirantes e antigos fregueses.

Para tratar das práticas matemáticas, precisamos primeiro compreender que o Programa Etnomatemática objetiva captar e registrar as diversas etnomatemática que possam existir.

Segundo D'Ambrósio (1998), etnomatemática não é apenas a matemática de uma determinada etnia, mas sim uma arte de compreender, utilizar e ressignificar códigos, comportamentos e símbolos da realidade cultural de um grupo social, de um povo.

*etno* é hoje aceito como algo muito amplo, referente ao contexto cultural, e portanto inclui considerações como linguagem, jargão, códigos de comportamento, mitos e símbolos; *matema* é uma raiz difícil, que vai na direção de explicar, de conhecer, de entender; e *tica* vem sem dúvida de *techne*, que é a mesma raiz de arte e de técnica. Assim, poderíamos dizer que etnomatemática é a arte ou técnica de

explicar, de conhecer, de entender nos diversos contextos culturais. Nessa concepção, nos aproximamos de uma teoria de conhecimento ou, como é modernamente chamada, uma teoria de cognição (D'AMBSÓSIO, 1998, p. 5-6).

Esta arte de saber fazer uma matemática apropriada para o contexto em que se vive geralmente não é lembrada na sala de aula, dentro das instituições de ensino. Elas são passadas de uma geração para outra durante o período de convivência em espaços não acadêmicos, nos quais haja a necessidade de se utilizar esta arte, as práticas matemáticas.

Não apresentaremos o conceito de práticas matemáticas dos(as) feirantes de uma forma exata, fechada e pronta. Tentaremos definir as práticas matemáticas como qualquer modo de medir, pesar, organizar, classificar, inferir e retratar todos os símbolos e linguagens do cotidiano da feira livre no município de Brasília de Minas/MG.

Nosso estudo acontece na cidade de Brasília de Minas/MG, localizada a 540 km da capital Belo Horizonte/MG e a 103 km do município de Montes Claros/MG, com população de aproximadamente 31.220 habitantes.

O município de Brasília de Minas/MG era denominado Contendas. Gonçalves (2006) discorre que a Vila de Contendas surgiu pelas mãos dos bandeirantes que vinham do estado da Bahia, descendo às margens do Rio São Francisco, acomodando principalmente em Morrinhos, hoje nomeada Matias Cardoso/MG. Algumas fazendas foram demarcadas nestas regiões para facilitar a criação de boi. Porém, estas eram terras dos povos indígenas, que lutaram para não perder seu território para os invasores que ganharam sesmarias após a colonização através das Capitanias de Porto Seguro/BA. A região às margens do Rio São Francisco tornou-se, então, um lugar de muita luta. Para ter ares mais tranquilos e que não fossem insalubres, os criadores de gados se instalaram em regiões que continham pequenas nascentes, lagoas, córregos pertencentes à bacia do Rio São Francisco:

No começo da colonização, foi introduzido no Brasil o gado bovino, que chegou a destruir os canaviais, gerando grandes conflitos entre cultivadores de cana-de-açúcar indígenas, que não aceitavam a invasão dos seus territórios e atacavam os colonos. Alguns criadores de gado, fugindo da área de conflito entre colonos e indígenas, foram para outras regiões distantes do Rio São Francisco, criando fazendas no Vale dos Rios Verde e Gortuba (GONÇALVES, 2006, p. 21).

Uma das fazendas demarcadas foi a Fazenda Gaia, propriedade de Manoel Afonso Gaia, pai de Antônio Gonçalves Figueira<sup>2</sup>. A Fazenda Gaia mais tarde recebeu o nome de Vila Sant'ana de Contendas. Contenda nos remete ao sentido de discórdia, rixa. E, segundo os moradores entrevistados, foi exatamente por disputas que a região foi batizada com este nome, juntamente com Sant'ana que é a padroeira de Brasília de Minas. O córrego Paracatu desfila suas águas por dentro do município, dividindo-o em duas tendências, sendo que os moradores de um lado não aceitavam a construção da igreja matriz do outro lado do córrego, travando assim uma briga que perdurou por anos:

[...] antes de receber o nome contendas, a região se chamava Fazenda Gaia. O povo era bom, pacífico e acolhedor, até a vinda do Padre Antônio Ferreira de Sousa da paróquia de Morrinhos, localizada às margens do rio São Francisco, para fixar na sua residência nesta localidade, justificando que aqui os ares eram mais puros e que não suportava a insalubridade dos arraiais às margens do rio São Francisco.[...] A partir daí, começaram as brigas constantes de ciúmes e renhidas disputas de sede de freguesia dos moradores dos outros arraiais com o nosso, que duraram muitos anos, surgindo, assim, o nome de contendas.[...] Há também outra versão sobre o nome "Contendas", afirma-se que foi devido às constantes desavenças havidas entre seus habitantes, motivadas pela fixação da Igreja Matriz numa ou noutra margem do córrego Paracatu que corta as terras da região da antiga fazenda local (GONÇALVES, 2006, p. 23).

Posteriormente, a Vila Sant'ana de Contendas recebe o nome de Brasília, em homenagem a Vicente Parrela Brasileiro<sup>3</sup>. Mas como contenda refere-se à discórdia, há entrevistados que afirmam que o nome Brasília surgiu como homenagem ao irmão de Vicente Parrela Brasileiro, o Brás Parrela Brasileiro.

Levando consigo ainda as contendas de municípios, mais disputas são historicizadas por Brasília de Minas/MG. No governo de Juscelino Kubitschek foi criada a Brasília, nova capital, no Distrito Federal. Então, após longas contestações, a cidade de Brasília dos Gerais se torna Brasília de Minas/MG para ceder seu nome à nova capital do Brasil.

---

<sup>2</sup> Antônio Gonçalves Figueira foi um dos mais conhecidos colonos, juntamente com Matias Cardoso, que caçou e escravizou indígenas e instalou fazendas no Norte de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Agrimensor e advogado, eleito duas vezes como presidente da Câmara e Agente Executivo (Gonçalves, 2006).

E é nessa região de várias controvérsias que realizamos visitas ao atual Mercado Municipal de Brasília de Minas que se encontra na Rua Coronel Sansão, no centro da cidade. Anteriormente, conforme relatos dos feirantes, fregueses e antigos moradores, o mercado funcionava, de uma maneira um pouco rudimentar, onde hoje está localizada a Câmara Municipal de Brasília de Minas, na Rua Coronel Sansão com a Rua Coronel Armando.

As feirantes<sup>4</sup> deslocavam-se dos distritos, pequenas comunidades, vilarejos assim como dos bairros que tinham uma característica mais rural para vender seus produtos na feira. Elas levavam, em sua maioria, suas mercadorias em balaios, amarrados ao lombo dos cavalos, ou em cestos, que eram de fabricação própria ou adquirida em trocas durante as feiras livres. Assim retratada:

Antigamente, a vida era muito difícil em Brasília de Minas, principalmente no setor comercial, pois não havia meios de transporte a não ser carro de boi, cavalos e tropas (GONÇALVES, 2006, p.58).

Desde a época do mercado velho até os dias de hoje, no mercado novo, o sábado é o dia de feira. Marcadamente Dia de Feira, com um significado intrínseco, como o dia de festa, conforme descreve o autor (DANTAS, 2007), já acontecia aos sábados:

Ao longo da literatura pesquisada observamos que em muitos momentos os autores utilizam ora a terminologia *mercado*, ora *feira*. Na língua portuguesa, o termo **mercado** é originado da palavra latina “*mercatu*” e é utilizado para designar um lugar fechado onde se comercializam gêneros alimentícios e outras mercadorias; já o termo **feira** provém da palavra latina “*feria*” - “dia de festa” - e é comumente utilizado para designar um lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem-se mercadorias (DANTAS, 2007, p. 24).

As agricultoras se ajeitavam da forma como conseguiam para expor seus produtos. Com lonas, tecido em chita e sacos de linhagem arrumados ao chão ou caixotes confeccionados em madeira, muitas vezes pela própria feirante ou cônjuge, a mercadoria que ela mesma produzia era apresentada aos fregueses. Com estas lonas, sacos de linhagem e tecidos distribuídos ao longo das calçadas laterais, as feirantes

---

<sup>4</sup> Ao entrevistar os antigos feirantes e moradores, notamos que se referem apenas às mulheres enquanto feirantes quando descrevem o tempo passado do mercado. Há os que justificam que era, e ainda é comum os homens saírem da cidade para lavouras no Sul de Minas Gerais, por falta de trabalho, ficando o labor de cultivar e vender produtos hortifrutigranjeiro para mulheres.

expunham o que desejam vender nesta rua que era o único acesso para a cidade vizinha, São Francisco. Este local era estratégico devido ao grande fluxo de pessoas que passam por ali para entrar e sair da antiga Vila de Contendas. Existia também a parte comercial interna do mercado, como sorveteria e açougue, que funcionava durante toda a semana, exceto aos domingos.

Toda essa movimentação que era vista como vantagem para a venda dos produtos hortifrutigranjeiros também foi o principal motivo para que outra instalação fosse providenciada pelo gestor local. Num dia de feira, dia de festa, muitas mulheres que se assentavam nas calçadas ao lado das suas bancas improvisadas no chão, na rua íngreme denominada Coronel Armando, onde acontecia a feira, foram atingidas por um carro sem o condutor, que ao ser estacionado não teve seu freio de mão acionado e desceu “ladeira abaixo” atingindo várias feirantes que estavam sentadas no chão, algumas ficando presas debaixo do veículo. Este incidente machucou várias feirantes, sendo que algumas tiveram as pernas quebradas, com feridas mais graves, outras com pequenas escoriações, mas em geral, o susto e o medo tomaram conta da feira. Após o ocorrido foi acordado que a feira precisava mudar de local, com melhor acomodação para as feirantes.

Foi instalado, então, em 1983 o Centro de Abastecimento na Rua Coronel Sansão, onde anteriormente estava localizado o telégrafo da cidade. Este espaço urbano recebeu uma reforma e ampliação em dezembro de 2016 e outra 1ª fase de reforma e ampliação em dezembro de 2020, no então denominado Mercado Municipal Deocleciano Soares Alves.

## **METODOLOGIA**

Desenvolvemos esta pesquisa com uma abordagem qualitativa porque esta nos permite trabalhar com os significados dentro do universo que é a feira livre existente no mercado, sendo um universo cujo sistema de linguagem não pode ser traduzido em apenas números, são indicadores não quantitativos. Utilizamos a inspiração etnográfica, com observação participante natural e entrevistas semiestruturadas para coletas de dados e posteriormente realizamos a análise de conteúdo para compreender a linguagem e símbolos utilizados por este grupo específico de feirantes.

Afirmamos que se trata de uma pesquisa embasada na etnografia, por isso apenas de inspiração etnográfica, pois não traçamos um perfil exato dos(as) feirantes e



fregueses, da forma como aconteceria numa pesquisa etnográfica. Apenas utilizamos o estar lá para descrever, de um modo não tão profundo, as características das práticas matemáticas desses trabalhadores no cenário em que se desenvolvem.

Utilizamos da observação participante para poder visualizar e perceber todo o cenário onde acontece a feira. Desta forma foi possível compreender os objetos simbólicos dos feirantes ao mesmo tempo em que nos colocamos na posição dos fregueses, porque assim já nos identificamos anteriormente a pesquisa. Assumindo então esse papel de pesquisador que pertence ao grupo de consumidores do Mercado Municipal Deocleciano Soares Alves, qualificamos que nosso estudo é originário de uma observação participante natural, na qual vivenciamos as atividades desenvolvidas na feira livre. Estar neste papel de observador participante natural tem seus desafios, como descreve Ludke (1986):

Além dessas qualidades pessoais e das decisões que deve tomar quanto à forma e a situação de coleta de dados, o observador se defronta com uma difícil tarefa, que é a de selecionar e reduzir a realidade sistematicamente. Essa tarefa exigirá certamente que ele possua um arcabouço teórico a partir do qual seja capaz de reduzir o fenômeno em seus aspectos mais relevantes e que conheça as várias possibilidades metodológicas para abordar a realidade a fim de melhor compreendê-la e interpretá-la. (LUDKE, 1986, p. 17)

Optamos por realizar entrevistas semiestruturadas, pois, como defende Ludke (1986), o que determina como será realizada uma pesquisa é a natureza dos problemas desta. Logo, alguns tópicos foram pré-selecionados para compor o roteiro de entrevista, mas ao realizá-la, sendo semiestruturadas, foi permitido que o entrevistado narrasse o conteúdo de maneira mais livre, mais aberta. Possibilitando retomar o tópico quando necessário, bem como guiar os assuntos desejados quando o pesquisado evadia da linha de raciocínio pretendida na nossa pesquisa. As conversas com os(as) feirantes aconteceram durante a feira livre de sábado. Com os fregueses antigos, as filmagens foram realizadas fora do espaço de comercialização.

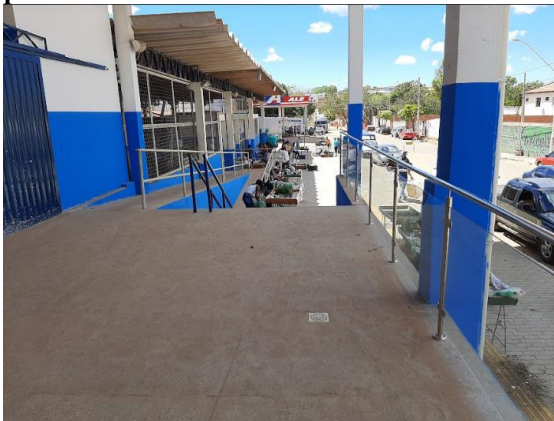
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No Mercado Municipal de Brasília de Minas/MG encontramos, assim como era anteriormente, a parte interna, onde funciona a comercialização dos produtos durante toda a semana, e a parte externa, onde acontece a feira aos sábados.

Nesta feira do sábado toda a rua é tomada por bancas cadastradas e disponibilizadas pela prefeitura. Antes das 5 horas da manhã surgem os(as) feirantes com suas mercadorias para acomodar nas bancas, feitas em madeira com suporte inferior em ferro, que são organizadas por funcionários municipais. Aqueles que utilizam o espaço interno por toda a semana devem pagar uma taxa fixa aos fiscais da prefeitura, os feirantes externos não pagam taxas.

O que nos chama a atenção na nova estrutura do mercado é a acessibilidade. Há uma rampa na lateral da escada (figura 1) que dá acesso à parte superior, onde se encontram os pontos comerciais locados para vendedores (figura 2). A feira toma conta de toda a calçada do mercado e da rua, mas ainda assim é possível estacionar os carros na Rua Coronel Sansão, permitindo melhor locomoção daqueles que necessitam de mais facilidades para fazer sua feira.

**Figura 1. Rampa de acesso do 1º para o 2º piso.**



Fonte: Própria autora

**Figura 2. 2º piso onde se encontra os pontos comerciais.**



Fonte: Própria autora

Encontramos no mercado vários produtos hortifrutigranjeiros (quadro 1), alguns são próprios da região e outros são produtos possíveis de serem adquiridos em outras formas de comércio, mas têm sua exposição importante neste espaço, pois alguns feirantes que vêm de regiões próximas aproveitam o estar no mercado para além de vender seus produtos também fazer sua feira.



**Quadro 1. Produtos encontrados no Mercado Municipal de Brasília de Minas/MG**

Tipologia	Produtos
Ervas e condimentos	Coentro em folha, coentro em caroço coentro moído, cebolinha, salsa, alho, açafraão, corante, erva doce, noz moscada, pimenta do reino em caroço, pimenta do reino moída, tomilho, cominho, orégano, manjericão, hortelã, camomila, funcho, sene, chimichurri.
Carnes	Boi, porco, peixes, frango e frango caipira.
Verduras, frutas e legumes	Abóbora, abobrinha, chuchu, cenoura, alface, mandioca, cebola, pimentão, pequi e pequi em conserva, banana, laranja, mexerica, couve, mamão, tamarindo, coco, beterraba, cana, espinafre, rúcula, jaca,
Animais	Galinhas, peru, cocar, cabra.
Cereais	Farinha de mandioca, farinha de milho, farinha de beiju, arroz, feijão de corda, feijão catador, feijão verde, soja, goma, rações, fava, andu.
Roupas, calçados e acessórios	Camisa, camiseta, calça, bermuda, saia, vestidos, tênis, botina, bota, chapéu, cinto, bolsa, embornal.
Demais produtos	Brinquedos, castanhas, óleo de pequi, doces, mel, rapadura, biscoitos, bolos, broas, garrafadas, artesanatos, refeições prontas, bebidas alcoólicas, garapa de cana, ovos, queijo, requeijão, peneiras, colher de pau e demais utensílios domésticos.

Fonte: Própria autora

Dos produtos encontrados no mercado, destacamos aqueles que até o momento não utilizam equipamentos padronizados de medição ou que além da opção de pesagem e demais medidas padronizadas ainda oferecem, para atender principalmente os fregueses antigos, as técnicas utilizadas pelos ancestrais.

**Figura 3. Instrumento de medição, denominado medida.**



Fonte: Própria autora

A farinha de mandioca, a farinha de milho, a farinha de beiju, o feijão e a soja (para alimentação animal) ainda são vendidas com medida não oficial, porém padronizada entre os próprios produtores. (figura 3). Esta medida utilizada atualmente não corresponde à medida

utilizada no antigo mercado. Percebemos que a confecção desta medida trata-se de um recipiente feito com o reaproveitamento de uma lata milho, na qual o feirante realizou um corte na parte superior para obter um instrumento que padronizasse a quantidade de farinha que armazenaria dentro dos pacotes.

A medida utilizada anteriormente era um instrumento quadrado feito em madeira, chamado por alguns feirantes de “prato”. Havia quatro formas de mensurar quantidade das mercadorias: i) a medida, que representa um prato e que era acomodada num pacote; ii) meio prato, que correspondia a uma metade não exata, uma aproximação para mais, da medida inteira e; iii) uma meia de quarta, que equivalia a dez pratos e; iv) duas meia de quarta, que significa vinte pratos. Apesar de serem unidades de medidas não oficiais, não ensinadas no âmbito escolar, essa padronização regional diz sobre a cultura dessa gente.

O armazenamento é realizado de duas formas: a) o feirante faz a medição e o empacotamento antes do dia da feira, ou até mesmo no próprio mercado nos momentos de menos movimentação, para facilitar a venda com os fregueses que desejam mais agilidade nas compras; b) o vendedor faz a mensuração da mercadoria diante do olhar do comprador, que avalia com perspicácia a quantidade a ser acondicionada nos pacotes. O pacote é aberto, o comprador muitas vezes ajuda a segurar, e uma medida da mercadoria é colocada em cada pacote. Nesse momento alguns fregueses solicitam um agrado, ou mesmo o próprio feirante o faz como forma de valorizar a fidelidade do freguês, que é um acréscimo do produto comprado, um pouco mais para somar a medida já estabelecida, prática matemática que justifica o desejo de alguns destes em adquirir o produto observando a medição realizada pelo vendedor, pois é possível aumentar a quantidade da mercadoria, levando para casa a quantidade de uma medida padronizada mais “um pouquinho de agrado”.

Registramos também alguns pacotes de temperos fabricados por feirantes do Mercado Novo (Figura 4), que são dedicados a pessoas famosas com vínculo na culinária:

**Figura 4. – Tempero dos famosos**



Fonte: Própria autora

Estes temperos são compostos, cada qual, por uma mistura específica de ervas e condimentos, não sendo revelada pelos(as) feirantes. Estas misturas são preparadas antes da feira e já se encontram disponíveis para compra na embalagem de plástico, sendo medida por aproximação, utilizando apenas a intuição, uma indução matemática para acondicionar uma quantidade equivalente em cada pacote.

Os demais temperos secos, descritos no Quadro 1 na linha de “ervas e condimentos” podem ser adquiridos por quilo ou por copo, como era comercializado no mercado velho. Naquela época também era possível comprar estes temperos por colher, sendo que cada copo e cada colher possuíam tamanhos diferentes em cada banca.

Nos relatos daqueles que frequentavam o antigo mercado e que não deixaram a tradição de lado nos dias atuais, notamos a necessidade de uma ressignificação do fazer a feira. Uma antiga freguesa do mercado, que hoje se encontra com 92 anos de idade e que há 57 anos frequenta a feira, nos descreve que antigamente era possível comprar uma medida de goma para fazer biscoitos no forno à lenha. Para cada medida, ou prato, de goma utilizava oito ovos e dois copos de óleo. Atualmente, a compra da goma é feita por pacotes ou a nova medida em lata, no qual não se sabe exatamente a quantidade de goma, logo, não é possível estabelecer uma receita para fazer biscoito, sendo necessário utilizar a intuição e tentar encontrar o ponto da massa do biscoito para assar numa panela no fogão a gás, pois também já não existe mais o forno à lenha.

Outra prática matemática que não encontramos mais neste espaço urbano de comercialização é a venda do milho por caminhonete. Conforme relato dos entrevistados, o milho era levado da lavoura para a feira livre na carroceria da caminhonete. O milho podia ser adquirido apenas os grãos ou um composto dos grãos com o sabugo<sup>5</sup>. Para quem adquire o milho para fazer ração é vantajoso comprar o carro fechado, pois ao triturar o milho na máquina, este renderá mais por ter junto o sabugo e a palha; se ao obter o milho a finalidade é utilizar apenas os grãos, a melhor escolha é efetivar a compra do milho no saco.

*se vai vender o carro, não deve dibuíá, cê compra ele na palha, bota num balaio. Se o balaio deu oito medida, você soma quantos balaio vai jogar no carro, uns trinta e dois balio (...) se o milho tá sessenta real ele dibuíado, um carro de milho vai dá oito saco e meio, por aí a gente baseia e sabe. E procê é mais vantajoso porque vai pegar o sabugo, a palha e o milho ainda. (ex-feirante 54 anos, em setembro de 2021).*

---

<sup>5</sup> Corpo do milho, parte na qual os grãos se encontram fixos.

Notamos novamente a intuição utilizada como embasamento para a comercialização de mercadorias, uma indução matemática própria dos antigos feirantes para tratar a venda de um mesmo produto em modalidades diferentes, uma solução encontrada e que foi utilizada por muitos anos para tentar valer uma equivalência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o arranjo de técnicas e metodologias nos permitiu interpretar os dados qualitativos coletados através dos feirantes e fregueses durante nossa pesquisa sobre a feira livre do Mercado Municipal de Brasília de Minas/MG.

Comprendemos que as memórias humanas relatadas nas entrevistas já não mais retratam a cultura vivida atualmente na feira de sábado, mas que esta memória ainda conversa com as novas práticas matemáticas registradas neste espaço. Comprendemos também que a modernidade influi na ressignificação das práticas matemáticas, e demonstra o acontecer de novos tempos, novas experiências e saberes contemporâneos dos(as) feirantes e fregueses(as).

Notamos que algumas formas de medir, classificar e organizar ainda permanecem na feira livre, mas o que fica nítido é a beleza da alegria vivida por cada entrevistado em expressar seus saberes, identificando-se enquanto um ser que é valorizado diante das práticas matemáticas não escolares, herdadas e reinventadas na sua lida diária.

## REFERÊNCIAS

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**. São Paulo-SP, Editora Ática, 1998.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba- RN: um estudo das modificações da dinâmica socioespacial** (1960/2006). Natal-RN, 2007(Dissertação) Mestrado em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte,2007.

GONÇALVES, Maria Inês de Matos. **Memorial de Brasília de Minas: documentário**. Belo Horizonte MG, Edições Horta Grande, 2006.

LUDKE, Menga. (Marli E. D. André) **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.